

três por quatro

PORTO ALEGRE
SETEMBRO DE 1974
ANO 3
Nº 4



**Porto
Alegre**

Porto Alegre é o assunto de capa desta quarta edição de "Três por Quatro". Mostramos a cidade no início do século. Bucólica, reunindo pessoas na praça da Harmonia, para ouvir retretas, ou para passear de carruagem. Hoje, com um milhão de habitantes a cidade está diferente — até a praça da Harmonia mudou seu nome para Coronel Genuíno Sampaio e sobrevive apertada entre ruas movimentadas, ao lado de um moderno viaduto.

Viver em Porto Alegre agora, é uma questão controvertida. Na página 8, uma pesquisa mostra a opinião dos moradores sobre a sexta cidade do País.

O mercado de trabalho para os profissionais que saem das escolas de jornalismo, está na página 11. João Borges de Souza, presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Porto Alegre, faz algumas

sugestões. Para ele, uma perspectiva está nos veículos de comunicação do interior do Estado.

Ainda sobre mercado de trabalho, uma boa notícia na página 11. Foi criada em Porto Alegre uma Cooperativa de Jornalistas, que se propõe a reunir os profissionais da classe, valorizando-os principalmente através de bons salários.

Na página 3, uma análise das dificuldades da pesquisa histórica no Brasil. Falam aqueles que sentem o problema no seu dia-a-dia, os professores de História. Eles contam episódios de saída de documentos importantes para outros países e do desaparecimento de outros.

E finalmente na página central os problemas históricos dos grupos de teatro em Porto Alegre. A sobrevivência através do talento e coragem e a falta de público.

TRES POR QUATRO

Órgão dos alunos do Curso de Comunicação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação - UFRGS

Registrado no CRE Porto Alegre/ sob o nº 620/72
Rua Jacinto Gomes, 540 3º andar, Porto Alegre, RS

Diretores Responsáveis

Marta D'Azevedo
Sílvia Wallace Duncan

Redação

Luiz Carlos Machado Lisboa
Elcio Souto dos Santos
Cleusa M Aguiar Dorneles
Aldo Schmitz
Carmen Luiza F Diniz
Liana M Milanez Pereira
Liane Cecília L. Romero
Maria do R. de Fátima P de Almeida
Maria Eneida de Amorim Serrano
Clóvis Heberle
Antônio Carlos Rosito
Ayres Cerutti
Eva Maria de Castro
Jane Lejderman
Lenora Maria Vargas
Maria de Lourdes F S Reis
Marieta Germani Martins
Mário E Villas Boas da Rocha
Maristela Bairros
Mauro Pacheco Toralles
Nelcira Neves do Nascimento
Regina Peixoto Vasquez
Rosvita Sauressig
Telmo Cunha Zanini
Imara Stallbaum Britto
Marlise Schneider

Publicidade

Coordenador Geral

Helena Roennau Lemos

Impresso nas oficinas da Gaúcha Gráfica e Editora Jornalística SA Av. Ipiranga 1075 Porto Alegre.

TTRRRRIIIINNNNN...

A campanha, como uma britadeira atorrina, esparrama a cera dos meus ouvidos, provocando uma confusão entre neurônios apavorados e reticentes. O QI omissivo foge da realidade preferindo sonhar acordado, chuleando um engano.

Talvez seja a vizinha precisando de uma panela de chá ou um apoio amoral, ou um amigo caçando mais um avalista. Quem sabe uma Testemunha de Jeová, avisando que Deus, apavorado com as mini-saias, os hippies da Praça Dom Feliciano, os travestis da Indepê, as pornografias do trânsito, além dos cheques sem fundo, resolveu por bem antecipar o fim do mundo de setenta e cinco para fins deste ano letivo.

Forço meu dicionário popular-intelectualbóide, protegido por um recomendável vocabulário pornográfico, imaginando ferro-velho, Amigo Germano, rifas, bandeirantes, Inter Gigante, Grêmio Extra, ou, ainda, um colorado sonhando com o hepta, um vendedor de livros, puxa-puxa, verdureiro, até assombração.

Meu computador bom cabelo, num feed-back emocional, inventa uma Cláudia Cardinale, Sandra Brea, ou sorteia uma pedestre da Rua da Praia. De repente me entrego como um herói americano, que seja um cobrador mal entendido. Numa esperança mais calculada do que última, provoco uma dor de barriga, talvez um banho, uma pressão alta, febre amarela, gripe Asiática, torcicolo na canela, unha encravada nas duas mãos. Inútil montagem, paraplagiando o poeta.

Então minha vontade se arrasta da depressão ao hall de entrada, com cara de anfitriã troiana, esboçando um sorriso plástico-amarelado. Assim, a visita grega invade a poltrona, espalhando-se no trivial. Um pequeno interrogatório monocultural começa com taça, pão e manteiga, terminando num jantar sem intervalo.

O assunto é um seriado da família e adjacências. Watergate — é apenas mais um imperialismo da informação. Petróleo — dando pra rodar tá bom. Tabela de preço — às

vezes, às vezes. Literatura — horóscopo, futebol, crônica policial. Kissinger — de vista, antes da novela. Políticos, economia — coisa do Governo. Câncer — coitadinho, tão bom e tão moço. Astronautas — essa gente não tem mais o que fazer. Jornal — ver literatura. Música — um sambinha. Vida — rádio, televisão e cama. Religião — se preciso todas. Anedotas — de papagaio pra cima. ONU — pois é. Teatro — O Leopoldina de passagem. Geisel — é gaúcho, mas perdeu a Copinha. Opinião pública — pra frente Brasil, 50%; Deus é Brasileiro, 30%; o Brasil é grande, 15%; e, cinco por cento, proibido pela censura. Fofocas — falando nisso, nem te conto...

Enfastiado com a crise das empregadas domésticas, bocejo o décimo casamento do Tarciso Meira com a Glória Menezes. Cochilo o quinquagésimo beijo da Regina Duarte no Francisco Cuoco, e adormeço na lua de mel prematura da cunhada da minha prima de terceiro grau. TTRRRRIIIINNNNN... acordo de um pesadelo, com um palavrão trancado entre o pivô e o gogó.

Falta material de pesquisa
e o pouco que existe
vai para o exterior



PESQUISAR HISTÓRIA DO BRASIL: UMA CORRIDA DE OBSTÁCULOS

Para formar a Biblioteca de Política do Departamento de Ciências Sociais, o professor Francisco Ferraz teve de procurar material até nos sebos. Muito do que ele queria estava vendido a Universidades americanas e alemãs. Alguns sebos de Porto Alegre foram procurados por estrangeiros que queriam comprar livros e documentos históricos. A proprietária de um deles conta que vendeu uma coleção sobre a antiga história do Brasil para alguns americanos. E tempos depois, seu marido leu nos jornais que era proibido exportar esse tipo de literatura. "Eu acho que nunca mais conseguiremos livros daquele quilate".

Depois que os livros e documentos saíram, a lei chegou. "Quem quiser estudar a história antiga do Brasil deve ir aos Estados Unidos", diz esta senhora, "porque lá eles têm tudo". O descuido com relação a documentos, que muitas vezes são vendidos como se fossem papel velho, é apenas um dos aspectos do problema que o pesquisador enfrenta no País.

Poucas também são as pessoas aptas a trabalhar em pesquisa, já que a formação universitária ainda é basicamente a retórica. Os professores que fizeram cursos de pós-

graduação no exterior tentam imprimir outra modalidade no ensino, o que orientará o estudo para um trabalho baseado mais na pesquisa. Além disso os dados estatísticos (material imprescindível ao trabalho sociológico) ainda não atingiram o grau de precisão necessário.

Helga Piccolo, Doutora em História (que custeou suas pesquisas de três anos para fazer sua tese de doutorado), diz que os problemas que o pesquisador enfrenta começam com a falta de tempo e de dinheiro. O pesquisador é obrigado a ter outra atividade para sobreviver e poder pagar suas pesquisas, geralmente leciona, o que lhe roupa muito tempo. Ela diz que na Biblioteca de Rio Grande há um material histórico riquíssimo, mas pergunta: Quem paga a viagem e as cópias Xerox (material não pode sair de lá) para o pesquisador?

FALTA MENTALIDADE

Além disso não existe, aqui, mentalidade de respeito e de preservação aos documentos históricos. Helga cita o caso de um professor que coletou em Rio Grande discursos do Duque de Caxias para a sua defesa de tese. Para não ter que viajar com os preciosos

documentos, deixou-os depositados na Alfândega da cidade. Quando voltou para apanhá-los eles já haviam sido destruídos, porque "ocupavam muito espaço". Para ela o ideal seria que, além de ter mais tempo e dinheiro o pesquisador dispusesse de documentos microfilmados, pois isso facilitaria o trabalho e preservaria o material.

Existem documentos recentes (das últimas décadas), mas raras pessoas podem manuseá-los. No Arquivo Nacional do Rio de Janeiro há muito material que já foi doado, mas nestes também não se pode pesquisar, porque os interessados ou os próprios doadores não querem que se tornem de conhecimento público. Aqui em Porto Alegre ocorreu este caso com o arquivo de Borges de Medeiros, que só pode ser lido por "pessoas muito recomendadas e conhecidas". Um historiador estrangeiro, Joseph Love, veio bem recomendado, ficou aqui durante um ano e teve acesso ao acervo de documentos de Borges de Medeiros. Quando Love retornou aos Estados Unidos escreveu um livro sobre a História do Rio Grande do Sul retratando aquela época.

Não é só sobre a História do Brasil que há curiosidade. A partir do momento em que os americanos

começaram a se interessar sobre a História da América Latina empregaram tempo, dinheiro e pessoas para pesquisas locais e para coletarem material, que é levado em sua forma original ou em microfilmes. Nos Estados Unidos há o grupo dos "Brasilianistas", que se dedicam a História do Brasil já com várias obras publicadas. Aqui, o historiador Hélio Silva está tentando organizar a "Memória da nossa História", com arquivos e microfilmes. Ele formou uma equipe que trabalha na coleta e catalogação de documentos e dados históricos brasileiros.

EXISTE A LEI

Atualmente não pode mais haver evasão de material histórico e cultural. No dia 16 de maio de 1973 o então presidente Médici assinou um decreto para proibir e impedir a exportação dos bens culturais. O decreto adotou as resoluções de uma convenção da UNESCO, em 1970. Os Estados que participaram da convenção reconhecem que a saída de bens culturais é uma das principais causas do empobrecimento do patrimônio cultural dos países de onde se originam estes bens. E resolveram que cada nação desenvolveria a consciência do valor

"do material cultural". Uma das maneiras de se obter isto é através de bibliotecas e arquivos públicos.

O coronel Moacir Domingues, diretor do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, conta que seu primeiro trabalho ao assumir a chefia deste órgão foi ordenar o que existia, para tornar o material acessível a todos. Quem quiser pesquisar sobre a colonização encontrará a documentação completa e ordenada, em condições de ser usada. Atualmente sua preocupação é com o Laboratório de Restauração e a Pequena Oficina de Encadernação, que estão sendo montados para restaurar o material que precisa de reparos. Moacir Domingues é contra a microfilmagem de todos os documentos, pois é um processo caro e exige uma estrutura muito bem montada (leitor de microfilme, sala ambiente para aguardar os rolos) e "quem garante que é eterno?". Ele abre exceção para os jornais e para algum papel muito raro ou tão danificado que não permita mais recuperação.

Para preservar o material contra umidade e as traças, o prédio do Arquivo é dedetizado e os documentos são colocados em latas bem fechadas (há cerca de 600 latas).

FARMÁCIA DA UFRGS ATUA EM ESCALA NACIONAL

A inauguração do Laboratório Industrial de Medicamentos da Faculdade de Farmácia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no dia 28 de junho deste ano, para produzir diariamente 200 mil comprimidos, 50 quilos de pomada, cinco mil frascos e 160 mil drágeas, para a Secretaria Municipal de Saúde e pequenas e médias indústrias de Porto Alegre, foi considerada "um passo realmente importante".

Justificando esta afirmação, João Felício Scardua, presidente da Central de Medicamentos, anunciou que dentro de cinco anos as matérias-primas prioritárias no setor de medicamentos já estarão sendo produzidas no Brasil.

O laboratório, segundo Scardua, é importante, porque além de formar profissionais para a área industrial e fornecer matéria-prima para as indústrias nacionais, também atuará na área da farmacologia clínica. E, a longo prazo, através do convênio realizado entre a CEMA e a Faculdade de Farmácia, tornará possível a análise de novos medicamentos. Atualmente, "não temos nenhum centro tecnológico para acompanhar e analisar os produtos lançados diariamente no mercado", diz Scardua.

No laboratório industrial,

além das rotativas, drageadoras e máquinas automáticas para engarrafar medicamentos líquidos, estão sendo instalados equipamentos doados pela Universidade de Munster, da Alemanha Ocidental: são

aparelhos para exames físico-químicos de medicamentos, pistolas especiais para a fabricação de drágeas e máquinas de comprimidos, cujo valor chega a Cr\$ 540 mil.



Nossa indústria farmacêutica ainda é só de transformação

Este ano, as importações de matérias-primas em quantidades substanciais para a fabricação de medicamentos, deverão ultrapassar a 100 milhões de dólares (cerca de Cr\$ 668 milhões). Isto acontecerá porque, sem uma indústria química de base, e com os laboratórios de capital estrangeiro controlando 84,30 por cento das vendas, o Brasil tornou-se mais dependente de sínteses e de tecnologia externas. O que ainda se pode chamar de indústria farmacêutica nacional, não passa de mera atividade de transformação.

Calcula-se que aproximadamente 14 milhões de pessoas necessitam de medicamentos e não têm dinheiro para comprá-los.

— Estas pessoas - quase a metade da população economicamente ativa - se situam nas faixas mais críticas da demanda de serviços de saúde - dos desníveis regionais de renda, dos setores de remuneração inferior ao valor do salário mínimo, principalmente no Norte, Nordeste e Centro Oeste.

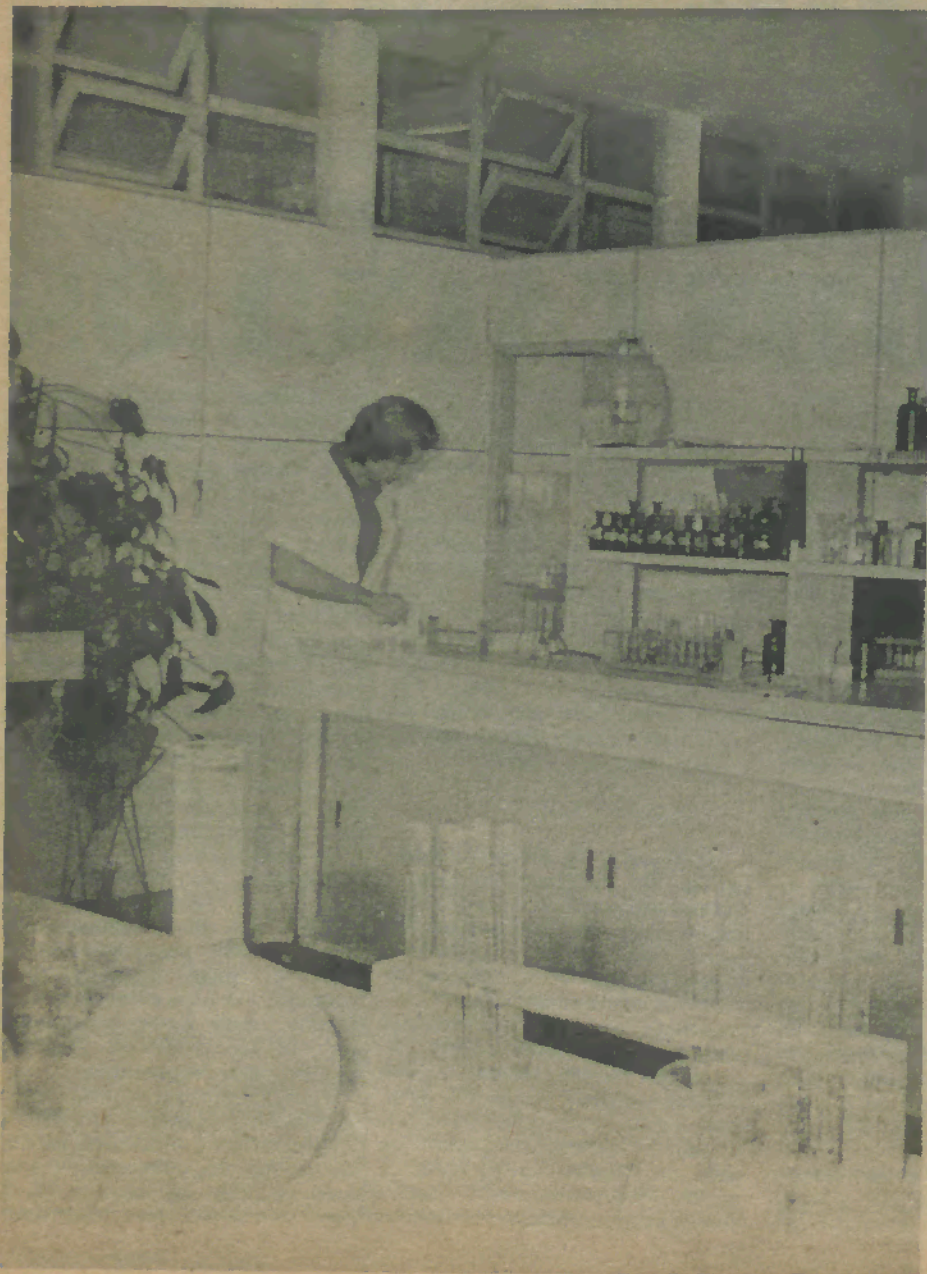
Enquanto isto acontece, a universidade é responsável apenas por um por cento da produção de remédios e os institutos de pesquisas, por nove por cento. Os restantes 90 por cento da produção pertencem às indústrias. A chamada integração universidade-empresa não oferece números relevantes no setor e

muitas escolas superiores se queixam de dificuldades encontradas por alunos e professores para a realização de trabalhos de currículo junto aos laboratórios.

Apesar da industrialização de medicamentos ter se desenvolvido rapidamente no país (98 por cento dos remédios são fabricados aqui), mais de 50 por cento dos fármacos - substância que tem o princípio ativo que combate determinada doença - é a matéria-prima do medicamento - são importados e o restante é produzido no Brasil pelo processo de fermentação.

No campo da síntese química, 80 por cento das substâncias são importadas por dois motivos: Falta de indústria química de base (que começa a se desenvolver no Brasil) e a falta de know-how.

Mas o médico Mário Victor de Assis Pacheco, secretário-geral da Associação Médica do Estado da Guanabara, que considera importante o esforço governamental que criou a Central de Medicamentos (CEMA), para em seguida estabelecer a indústria química de base, faz uma advertência: "Se os médicos não receitarem os produtos nacionais dos laboratórios da CEMA e se os professores de nossas faculdades de Medicina não aconselharem seus alunos a que futuramente receitem os produtos farmacêuticos, este esforço será prejudicado".





As lembranças de tia Cachicha contam 90 anos de Porto Alegre

O destino da humanidade dependendo de um toque de botão. A fauna e a flora devastadas pela loucura dos homens. As cidades sufocadas e envenenando seus habitantes. Os homens presos num falso futuro, forçados pelas contas à crédito. As famílias se desagregando. Valores novos, ou melhor, ausência de valores. Talvez seja tudo isto que faz com que exista hoje, um certo saudosismo e a volta aos tempos de nossos avós, significa uma volta à pureza do simples e do autêntico.

Num apartamento de um velho prédio da Rua da Praia, Francisca Abbot Tavares (tia Cachicha, lúcida e ágil apesar de seus 90 anos, assiste o que se passa agora e faz suas relações com a vida e a cidade de outros tempos.

— Não concordo com a volta aos tempos antigos. Acho que a mudança é necessária e o progresso vale a pena.

Naquele tempo Porto Alegre era outra. O modo de vida das famílias era bem diferente. Um rapaz com 18 anos não tinha autorização paterna para sair à rua e muito menos recebia a chave da casa. A distração se resumia a reuniões com parentes, passeios pela calçada, e quando chegavam os circos de cavalinhos, era uma grande festa. Ia todo mundo na matinê.

A população da cidade nessa época andava por volta de 80.000 habitantes, e se concentrava entre a praça da Alfândega, a rua Dr. Flores e a Praça da Harmonia. Ali era o ponto de reunião da sociedade. Havia um ringue de patinação e uma banda de música dava retretas. O arrabalde chique era o Menino Deus. Depois surgiram os movimentados centros residenciais dos Moínhos de Vento, Floresta, Petrópolis, Navegantes e Partenon, até então, na sua maior parte, ocupados por chácaras, tambos e pequenos sítios.

— Eu morava em frente da praça da Harmonia, aquela do antigo Capitólio, próximo à Ponte de Pedra. Era uma enorme casa com cinco sacadas, onde a gente passava horas e horas vendo as pessoas passarem em direção à ponte.

Esta ponte também chamada de Riacho, foi construída por João Batista Souza e seu custo na época foi baixo, pois o trabalho foi todo executado por escravos do próprio construtor. A Ponte de Pedra, por dezenas de anos, permitiu o acesso à antiga estação de onde saía o "trenzinho da Tristeza".

— Nos domingos as famílias costumavam tomar o trem, que percorria a margem do Guaíba até Tristeza.

Além dos passeios costumava-se ir às Touradas, que funcionavam no campo da Redenção onde hoje está o Lago. A função começava às 4h da tarde e a maior distinção para um expectador era receber a capa do toureiro e com ela ornamentar seu camarote.

— O entusiasmo pela tourada era tão grande que foi organizada uma "quadrilha" da qual faziam parte cavalheiros do alto comércio, jornalistas, médicos e advogados. Um concorrente ficou marcado para sempre pois um touro lhe quebrou a perna.

Havia também o "Khosmorama" na Rua da Praia. Na porta, um realejo tocando as peças mais populares, convidava

va as pessoas para, mediante pequena quantia, ver fotografias de outras partes do País e do estrangeiro, aumentadas por lentes.

— Lá em casa, a gente tinha uma "Lanterna Mágica", parecida com o "Khosmorama" (só que com as lentes fixas), muito popular nas casas de família.

Passeio em carro de aluguel era privilégio dos rapazes. Os carros ficavam nas Praças da Alfândega e 15 de novembro, e custavam 5 mil réis por hora. Aos domingos trafegavam de tolda arriada, levando os jovens ansiosos por passear em frente à casa da amada. Os carros eram puxados por parelhas de cavalos:

— O primeiro automóvel veio para a Escola de Engenharia, no início do século, e havia muito receio de que ele causasse acidentes.

Havia também as óperas. As grandes companhias do Rio de Janeiro, São Paulo e exterior se apresentavam no Teatro São Pedro, a caminho de Buenos Aires, ou quando voltavam de lá.

— Foi com Getúlio (Tia Cachicha foi noiva de Getúlio Vargas) que fui pela primeira vez à ópera, assistir "O Trovador".



Conheci o Getúlio quando da volta dele de Ouro Preto para estudar novamente em Porto Alegre. Eu tinha então 15 anos e ainda brincava de bonecas. Imagina se existe hoje uma menina de 15 anos que ainda brinca de bonecas e pula corda! Não dei muita importância ao meu novo vizinho, que não cansava de me cuidar da janela. Com o tempo começamos a namorar e estivemos noivos durante 3 anos. Depois tudo acabou, não que faltasse um entendimento, mas ele era muito indiferente e já naquela época muito ligado aos estudos e à política.

O tempo foi passando, Tia Cachicha assistindo a tudo.

— Cinema mudo? A primeira apresentação foi no Salão de Bilhar do antigo Café Guarani, dos Irmãos Azzarini, à rua dos Andradas, onde hoje se encontra a Casa Victor.

Baliles de fim de ano? Ela assistiu até a passagem das pequenas bandinhas para o moderno fonógrafo que tocava trechos de música e de canto.

— Houve quem se espantasse com a tripinha de borracha. O gramofone com trompa de metal foi apresentado pela primeira vez no Teatro São Pedro.

— As famílias, querendo externar o bom gosto e "abertura" para o modernismo levantavam o som de tal maneira que, muitas vezes, os próprios transeuntes reclamavam irritados.

Sensação nesta época foram os bigodinhos "a Kaiser", assim chamado porque era o sistema usado por Guilherme II, Imperador da Prússia. A moda foi trazida pelo piloto italiano que chegou com o primeiro avião aqui em Porto Alegre, na segunda década deste século.

— Era custoso manter este bigode, pois todas as vezes que a pessoa fazia a barba, era obrigada a frisar os bigodes e devia usar, além de cosméticos, um pente e uma escovinha. A noite, antes de deitar, cobrava uma pequena rede de seda presa atrás das orelhas.

O tempo passou, a moda mudou, as diversões são outras. O medo do primeiro automóvel já não impede os passeios pela cidade. Os 80.000 habitantes confinados no "funil" do centro, já são um milhão e se espalham pelos morros que circundam o Guaíba. E tia Cachicha passou com o tempo, mudou com a moda mas suas diversões continuam as mesmas: todas as tardes se debruça na sacada de seu velho edifício, na rua da Praia, de onde vê as pessoas passarem, já não com os bigodinhos engomados nem em automóveis sem toldo, mas sempre pessoas. Para ela é o essencial, porque é da própria vida que escorre pela rua, que ela retira suas poucas mas intensas alegrias de velha de quase 90 anos.

Naquele tempo as águas do Arroio Dilúvio eram limpas e sua praia, um local aprazível

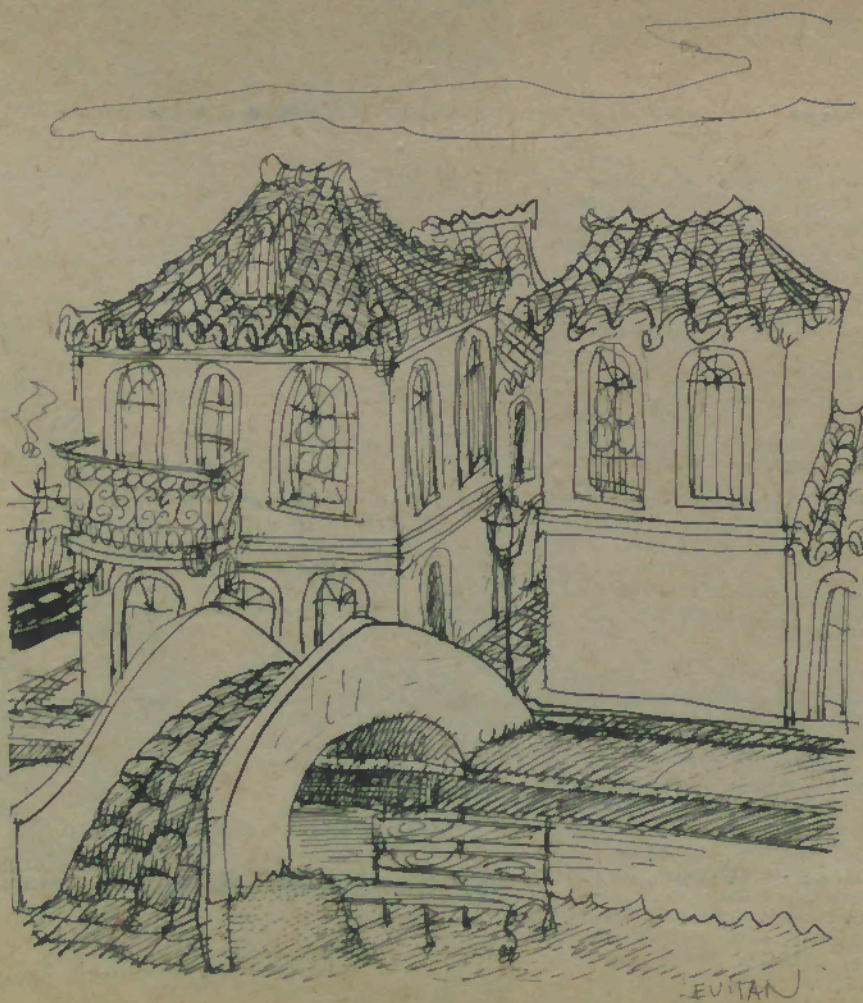
Em 1880, o produto de um século de evolução urbana juntava-se numa população de 40 mil habitantes, dependente do comércio e da administração pública. A Câmara, nove anos antes, acomodou-se pela primeira vez num edifício próprio, na praça da Matriz, ao lado do Teatro São Pedro. O porto escoava produtos que somavam cerca de 6 mil contos (fumo, banha, couros, milho, charque, chifres, mate, mandioca, lã), e recebia 4 mil contos de bens importados, que rendiam para a Alfândega mais de 1.500 contos de direitos.

Num espaço de 35 anos, Porto Alegre tinha dois jornais - o do Comércio e o de Koseritz - que circularam até o fim do século.

Em 1896, o Palácio do Governo foi demolido para dar lugar ao Palácio Piratini. Nesta época, quem vinha do interior para a Capital viajava de barco a vela pelo Guaíba, e já em 1900 a Companhia de Ferro Carris explorava o transporte urbano, com os trens puxados a burro.

No começo deste século, as águas do Riacho (Arroio Dilúvio) eram limpas, e a sua praia, um local aprazível. Era o ponto preferido das lavadeiras e dos pescadores. Por muito tempo, a Praia do Riacho se chamou General Pantaleão Telles e abrigou a baixa prostituição da cidade.

Em 1901, uma exposição de produtos rio-grandenses na antiga Escola de Engenharia, onde hoje fica o Instituto Meteorológico Coussirat Araújo, atraiu grande multidão. Sinal de uma mentalidade aberta à era industrial do novo século.



O circo de cavalinhos, o trezinho da Tristeza, os cinco mil réis, o primeiro automóvel, os bigodinhos à Kaiser, as reuniões de família, a banda das retretas, e na Praça da Harmonia imagem tranquila da Porto Alegre de fim de século.



SEM APOIO, SEM PÚBLICO, DISPERSA: A TÍMIDA MÚSICA GAÚCHA

Bem, acaba de morrer o Lupicínio-provavelmente, o único compositor gaúcho realmente capaz (não tenho notícias de outro que se iguale a ele em qualidade e importância. Isto, quero deixar bem claro, dentro de nosso meio musical, que empobreceu com a morte de Lupi).

Deverão existir outros, como de fato existem. Mas nenhum deles possui as qualidades artísticas suficientemente desenvolvidas para chamar a atenção do público amante da música ou para "estourar" no mercado discográfico. Quem sabe, se tivessem um verdadeiro apoio da imprensa e dos próprios companheiros, no sentido de realizarem um trabalho de divulgação esquematizado e em conjunto, poderiam chegar lá? Por enquanto está acontecendo um fenômeno deplorável: as iniciativas são puramente individuais. Isto é, fica cada qual fechado no seu canto e ninguém ajuda ninguém. Por isso, qualquer tentativa, por melhor que seja a qualidade artística da obra mostrada, redonda em dispersão. Não há um trabalho profissional, não há uma continuidade e não há coesão. Tudo é feito de maneira extremamente amadorística.

É este, exatamente este, o caso dos magrinhos. Conheço gente muito boa entre eles, mas são tão alucinados por essa idéia de curtir uma diferente que, ao mesmo tempo em que me procuram para obter divulgação de um espetáculo, afirmam e reafirmam que o tal do show é exclusivamente improvisação. Então acontecem coisas como a que aconteceu com o Tuca, um cara gaúcho por algum tempo radicado em São Paulo. Pois bem, o magrinho resolveu voltar e arrebanhar, no espaço de três dias, um número suficiente de músicos que, com ele, fizessem o show *Porta dos Fundos*. Fui lá ver: letras muito boas. Melodicamente não rejeitável, mas música (ritmo) importado. Isso não quer dizer nada quando a coisa é bem feita. O pior se deu quando Tuca anunciou *Cabeça de Alfinete*, música de sua autoria e por sinal, a melhor do *Porta dos Fundos*, e a guitarra pifou. Resultado: o show foi interrompido e quatro caras no chão tentavam arrumar o instrumento. Esse tipo de coisa tira o crédito. O público se decepciona e nunca mais volta, a não ser que essa também seja a sua filosofia.

CARÊNCIA

De qualquer maneira, o fato é que sofremos de uma carência incrível quando se trata do meio musical, por vários fatores a considerar: em primeiro lugar, a falta de uma gravadora que se dispusesse a montar uma máquina promocional, exigindo o verdadeiro talento do candidato a cantor ou compositor. Se existisse essa máquina em Porto Alegre, metade do caminho estaria andado e a maior parte de nossos artistas não seria obrigado a sair para buscar a fama e o reconhecimento.

Em segundo lugar: o distanciamento geográfico de Porto Alegre em relação ao eixo Rio-São Paulo, onde essa máquina promocional funciona a todo vapor. É nesse eixo que acontecem as coisas. É um ponto de convergência que, além da máquina, oferece outro ponto positivo: o contato com os grandes nomes da música popular brasileira.

Com isso, cheguei onde pretendia: a localização geográfica da música popular brasileira. Por que ela está situada ou fechada dentro desses dois Estados, com uma tremenda participação do povo gaúcho? Qual a causa responsável pela alienação do Rio Grande do Sul, de Minas, de Santa Catarina e outros Estados, com respeito à MPB? A resposta é encontrada se voltarmos no tempo, à descoberta do Brasil, à colonização, ao contato do português com a terra descoberta, com o índio e, finalmente, com o negro, trazido como escravo.

O português, como é sabido, não possuía grande tradição musical. Possuía o mar e a possibilidade de descobrir. O índio executava uma música, cujas características mostram um povo primitivo. Ela vinha sempre associada à dança. Para marcar o compasso usavam o maracá. Era a arte dele, uma arte de encantamento, criada para esconjurar espíritos maus, o que de certo modo os aproximava, dentro do campo da arte musical, do povo africano, que também esconjura. Com a vinda dos jesuítas, os índios aprenderam a tocar flauta, cravo e viola. E vieram os negros, trazendo o atabaque e agogô, um material que produzia um ritmo estranho e rico. Nessas alturas, a situação na colônia era esta: o negro, maltratado, saudosos e escravo, buscando consolo na música, paradoxalmente frenética (a música negra sempre

tendeu e ainda tende a agir sobre o próprio negro, no sentido de levá-lo a participar, a exteriorizar); o índio, protegido pelo português; e o próprio português, que impunha suas condições em termos gerais, mas que aceitou de bom grado as influências negróides e indígenas (tanto é que a profusão de mulatas é uma realidade no eixo Rio-São Paulo e pelo nordeste brasileiro).

Essa imposição de regra do jogo ele conseguiu fazer valer em aspectos administrativos e outros. Mas na arte, embora as tentativas de trazer e desenvolver aqui uma cultura puramente europeia, o caminho seguido foi outro, acabando em Fado (para quem não sabe, o Fado nasceu no Brasil e foi levado daqui a Portugal) e em Samba. É óbvio que nosso samba não surgiu da noite para o dia, nem desceu do morro para a cidade, o asfalto. Foi justamente o movimento inverso: o samba nasceu no centro da cidade e ganhou o morro, onde lhe deram características próprias.

Desde as primeiras tentativas rítmicas na criação do samba, muitos anos passaram. O primeiro samba autêntico foi gravado por Donga-Ernesto Joaquim Maria dos Santos em 1916. Chamava-se *Pelo Telefone*. Era a verdadeira música popular brasileira que surgia, não apenas influenciada pelo negro, índio e português, mas também pelo Charleston, pela polca, quadrilha. Tal como o jazz, nos Estados Unidos, o ritmo foi inicialmente discriminado pelas elites e, por extensão, também o violão, instrumento que se presta especialmente a ele (os violeiros eram chamados de capadócios). Houve a concorrência da valsa e da marchinha, mas o samba venceu a corrida, dando origem a variações como samba-canção, samba-bolero e samba-choro.

Enquanto tudo isso acontecia na Bahia, no Rio de Janeiro e em São Paulo (em menor escala), aqui nada se fazia além de entoar a *Prenda* e o *Boi Barroso*. A colonização se fez bem mais tarde e por povos como o italiano, alemão e polonês, muito diferentes em termos de índole do português, do índio e do negro. Isto não é preciso explicar. Houve influências negróides, mas escassas. A cultura trazida pelos colonizadores do Rio Grande do Sul, que, inclusive não se misturaram muito, deu origem a um tipo de situação que hoje podemos considerar caótica, se a compararmos, em termos de criatividade, com o que é feito na Bahia, no Rio e em São Paulo. Isto, sem falarmos no Pernambuco, cujo folclore é sensacional.

INSEGURANÇA

Aqui floresceu o coral, a música erudita, mas de compositores estrangeiros. Nada feito. Hoje temos Bruno Kiefer e alguns outros poucos. Quanto à música popular, o quadro não é satisfatório. Está longe de ser. Na campanha o papo é muito especial: o gaúcho da fronteira é um contemplativo, um homem que devido a seu afastamento dos centros maiores, aprende a dialogar consigo próprio. Acaba armando seis jogos e desfazendo-os. Vai até os detalhes. Especula em torno das coisas. É um político, um guardião de fronteira. O das cidades é resultado europeu, que vai a concertos, gostaria e gosta de assistir a um bom espetáculo musical popular, mas não tende a participar, nem a incentivar muito. É um público feito para um obra de Brecht, isto é, ele assiste. Isso se vê até no aplauso. Mesmo gostando muito de um cantor ou de uma peça teatral, o público gaúcho mantém um distanciamento caracteristicamente europeu. Ele não exterioriza. Está mais habituado a conversar com seus personagens interiores do que com o vizinho.

Tudo isso nos levou à situação em que hoje nos encontramos quando se trata de música. Estamos estagnados. Não produzimos, nem incentivamos a produção. É muito mais tranquilo consagrar novamente um Beethoven, um Mozart, um Tchaikowski, um Vivaldi (na música erudita); uma Ellis Regina (agora que venceu lá fora), uma Aretha Franklin, do que acreditar e consagrar o talento que surge aqui e quer se desenvolver aqui. Há muito de insegurança nesse lance. Sabe? O gaúcho é inseguro. Um exemplo bem mais recente e bem claro: a cantora norte-americana de jazz Carmen McRae passou por Porto Alegre. Quis cantar, mas não teve público. Por que? Simplesmente porque a ilustre cantora, reconhecidamente uma das melhores nos Estados Unidos, ainda não era conhecida de nosso público. Assim, apesar das badaladas da imprensa na

semana que antecedeu ao espetáculo que deveria dar, uma poucas pessoas foram ao Leopoldina. O espetáculo não saiu. Justificativa: Carmen McRae, que havia feito um show vitorioso em Buenos Aires (onde a platéia é exigente) havia estado doente por haver comido um canapé deteriorado. Levantou-se até a hipótese de que tivesse câncer. Pura balela. A mulher foi para o Rio de Janeiro e movimentou o mundo do jazz, uma barbaridade.

O que acontece aqui, acontece especialmente no terreno da música erudita. Temos a OSPA reconhecidamente a melhor da América Latina e capaz de encenar uma obra como *Lohengrin*, de Wagner, difícilíssima. Temos público interessado (pelo menos), embora ele não tenha em sua maioria, o preparo necessário para apreciar devidamente um trabalho como este. Normalmente vai assistir e sai queixoso. "Não era o que eu pensava ver". É óbvio que não, pois o indivíduo foi, disposto a ver um melodrama como *La Traviata* (de Verdi) história do ricoço que se apaixona por uma prostituta, que acaba morrendo tuberculosa, depois que a intransigência do pai do moço é vencida, quando a obra de Wagner é mística, cheia de elementos fantásticos (como o bastão que floresce) e de elementos tirados da mitologia.

Mas o que vale é que o público aflui ao salão de atos da Reitoria. Mostra interesse. Quer ver coisa acontecendo e nisso tem sido favorecido, principalmente a partir do ano passado. Além disso, há os festejos do Biênio da Imigração em evidência, trazendo gente de fora. Os promotores mostram preocupação muito grande em programar o melhor, tanto é que, segundo notícias (e esta te dou em primeira mão) a Pro Arte pretende trazer, em março do ano que vem, o cantor Moustaki, aquele que gravou *Águas de Março*, de Tom Jobim, em francês. É uma boa, essa. Um baita cantor, com um repertório excelente. Mas você vê a antecedência com que planejam, o que denota duas coisas: respeito pelo público, da parte da Pro Arte. Em segundo lugar, a mesma organização parte para a música popular também. Isso é muito bom.

DESCRÉDITO

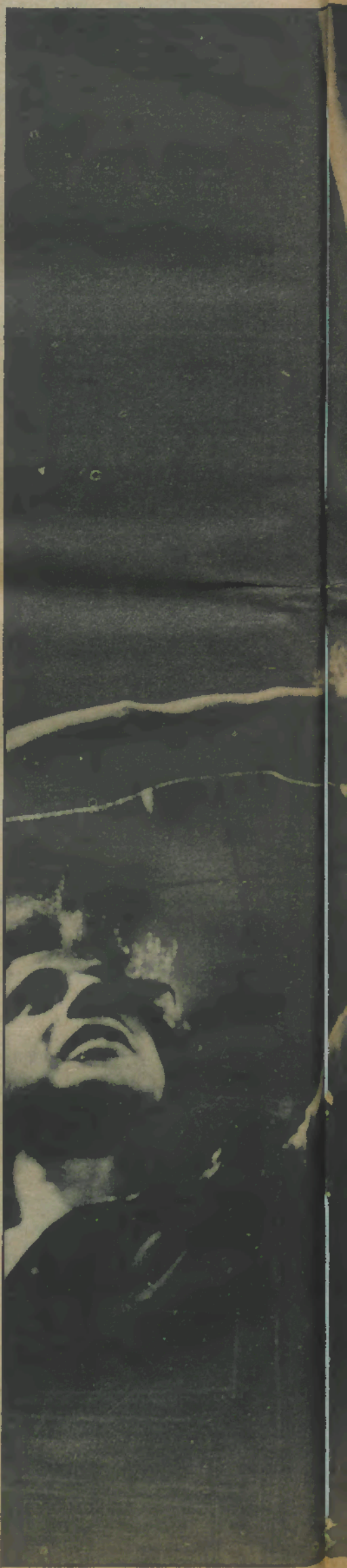
Ainda assim, resta a constatação: há público, mas para artistas de fora, porque os daqui não têm crédito. Isso é chato, quando sabemos que existem elementos capazes de realizar alguma coisa de bom quando tiverem um esquema, uma linha a seguir. Quando encararem a coisa como profissionais e não como simples curiosos. Quer ver um cara? O Rei Som. Um negrinho que faz letra e música. Cara bom, perdido pelas noites anônimas de Porto Alegre. Além dele, a excelente voz de Ana Mazzoli, que está partindo para a gravação de dois Lps. Pena que se limite a cantar quase que exclusivamente música estrangeira e não entre numa de compor, de criar. Outro é Carlinhos Hartlieb, autor de *Por Favor Sucesso*, gravada pelo extinto Liverpool. Ele faz parte do conjunto Toque e é possivelmente o primeiro a conscientizar a necessidade de entrar num esquema, de fazer algumas concessões ao mundo da máquina, se quiser aparecer. Seu estilo é folk ameno, o que já não é o caso do Bixo da Seda, conjunto que faz um rock pesado. Eu pessoalmente acredito muito no Carlinhos, assim como acredito que o disco do Airton Pimentel, lançado há poucas semanas, é uma abertura, um passo inicial para a criação de uma música popular aqui, no Rio Grande do Sul.

Airton é fundador dos Araganos (folclore). Desligou-se deles e agora sente a necessidade de movimentar nosso mundo musical, que não existe em termos de criatividade posta em gravação. Para tanto ele aceita influências universais e são notórias as de Gilberto Gil em seu disco. Procura essas influências de modo consciente, não para se acomodar a elas, mas para, a partir delas, chegar a um novo resultado. Por que não? Por que rejeitar uma tentativa tão consciente, principalmente se levarmos em conta que ele parte do princípio de que aqui "nada existe"?

O negócio todo que quero tornar bem claro e que há um movimento sempre houve (mas muito tímido), um movimento que agora se intensifica e com participação consciente. Isso tem que ser aproveitado de maneira correta. Precisa de incentivo, para não terminar em mais uma tentativa frustrada, dispersa e alienada. Não é fácil. Os artistas, os organizadores e todos aqueles que lidam com a questão tem consciência disso. Há momentos de desânimo, mas estes são superados.

MARIA WAGNER

Maria Wagner dispensa o curso de Comunicação vem mostrando nos jornais da música e da arte em especial. Tenho carinho por Lisboa divulga a arte há o Formando do curso de



nsa apresentações. Talvez precise ser dito apenas que ela é aluna
caçã da UFRGS. Tudo o mais seria apenas tentar dizer o que ela
jornal de Porto Alegre, através do seu trabalho crítico e construtivo
e em geral. Como ela mesmo diz, "música para mim é algo muito
ho pela. Um grande carinho. , porque cresci com ela". Luiz Carlos
á oitavas, incentivando os valores gaúchos e jovens, principalmente.
de comunicações, foi um dos que mais lutou pela criação de um
mercado de artes plásticas em Porto Alegre.



ARTE JÁ FAZ PARTE DO DIA A DIA DA CIDADE

O mercado de artes recém começa a se estruturar devidamente no Rio Grande do Sul, com Porto Alegre a ganhar uma boa colocação entre as capitais brasileiras das artes plásticas. A arte interessa verdadeiramente aos gaúchos e recebe o melhor apoio dos jornais, rádios e estações de televisão. A arte já faz parte do dia a dia do porto-alegrense e consegue ser permanentemente notícia. Muita visitação a Museus de Arte, a pinacotecas públicas e também a muitas galerias, algumas funcionando exclusivamente como promotoras de arte e outras que se espalham entre institutos de ensino, atelier particulares de artistas, bancos e lojas dos mais diversos artigos. Vale a pena assinalar o excelente trabalho que fazem escolas de ensino primário e médio, com trabalhos aos alunos e obrigação de visita a mostras dos mais diversos artistas.

Porto Alegre movimentava-se constantemente no seu mercado de arte, dando possibilidade a que exponham nomes que chegam do Rio e São Paulo, muitos dos quais, gaúchos radicados nos dois centros (vai de um Carlos Scilar a Fayga Ostrower, Pleirina Checcacci, Cleber Machado, Sônia Ebling, Iberê Camargo, Madeleine Colaço, Octávio Araújo, Darcy Penteado ou Glênio Biachetti) ou então artistas que vêm do Uruguai e Argentina (Tomás Abel, Carlos Pérez Villaró, Vito Campanella, sendo o primeiro salto para outras capitais brasileiras), o mesmo valores locais cujas exposições são sempre sucesso (de Xico Stockinger e outros monstros sagrados, a novos como Glaucio Pinto de Moraes).

Destaque especial deve ser dado pelo bom aproveitamento dos trabalhos dos artistas em praças e lagradouros públicos (murais e esculturas de Xico Stockinger, Carlos Tenius, Vasco Prado) ou diante e nos hall e saguões de bancos e edifícios públicos (os citados e mais Roberto Cidade).

Anteriormente o artista gaúcho vivia fechado em suas fronteiras, com muitos movimentos inovadores, como o do "Clube de Gravura", que nem chegava a ser notícia fora do Estado. Hoje ele se expande, vai para muitos Salões nacionais e mesmo no estrangeiro (principalmente os gravadores), trazendo prêmios e mostrando o valor de sua arte. Isso se deve ao bom trabalho da nova geração de artistas plásticos, que saíram ou ainda frequentam o Instituto de Artes do Rio Grande do Sul e o Atelier Livre da Prefeitura (ambos em Porto Alegre) ou o Centro de Artes da Faculdade de Santa Maria. E, conglomeraando os gaúchos e os grande de fora, acontecem os Salões de Artes Visuais, de dois em dois anos.

A gravura (de Fuhro, Zorávia, Vera, Romanita, Cruz) e a escultura (Xico, Tenius, Vasco, Roberto Cidade) sempre foram o forte dos gaúchos, sobrepondo-se à pintura (onde há nomes hors concours como Ado Malagoli ou mais novos como W. Elias e Guiltierrez), caracterizando mais as nossas artes plásticas. A verdade é que há nomes que já fazem parte da história das artes plásticas nacionais, muitos falecidos, com as pinturas supervalorizadas no mercado de arte de todo o Brasil: Pedro Weingartner, Edgar Koetz, J. Fahrion, José Lutzemberger, Aldo Locatelli e Angelo Guido.

A arte ganha também atrativos turísticos no Rio Grande do Sul, em trabalhos e murais em igrejas (São Pelegrino) e palácios (como o Piratini, com o "Negrinho do Pastoreio", de Locatelli) e mesmo a visita de luxuosos estúdios (Xico Stockinger, Vasco Prado, Zorávia Bettiol, alguns artistas que vivem exclusivamente de sua arte) ou na futura rua das Artes (pela qual luta toda uma nova geração, que vai de Elizabeth Nunes Maria Tomaselli-Cirne Lima, Wilson Alves e Armando Piazza Filho).

NO TEATRO, NÃO FALTAM TALENTO E CORAGEM

Talento e coragem é o que não falta ao teatro gaúcho. O problema é sempre o público, que ainda não quis dar exatamente o valor que merecem nossos artistas e grupos teatrais. Entretanto o teatro gaúcho, bem ou mal, existe. Existe há muito tempo, vai continuar existindo e tem um grande futuro.

Permanentemente estão em cartaz diversas peças; desde teatro infantil (que sempre dá bom dinheiro), como obras de textos difíceis (pouco comerciais, muitas vezes encenações que pecam pelo insólito mas que têm a qualidade de mostrar um autor, que geralmente seria desconhecido pelo grande público) ou então peças experimentais e ainda o constante e sempre excelente trabalho dos alunos do DAD, Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que a maioria dos alunos chama carinhosamente pelo seu antigo nome ou seja O CAD - Centro de Artes Dramática. Podemos dar quatro exemplo, um de cada grupo: "Chapéuzinho Vermelho", "O Arquitecto e o Imperador da Assíria", "Esta Noite Arranque a Máscara da Face e Improvise" e "Vestido de Noiva".

O teatro brasileiro anda pecando pela falta de autores (Onde estão as peças de José Vicente, Plínio Marcos, e outros?) no Rio Grande do Sul, onde o mercado teatral é muito menor, ainda menos. Entretanto existe o autor gaúcho e a prova são as peças encenadas e escritas em conjunto pelo Grupo de Teatro Província ("Arranque a Máscara" ou "Era uma Vez Uma Família, Muito Família"), os textos de Carlinhos Carvalho, e Ronald Radde e Ivo Bender ou esse show de Vitor Hugo Recondo ("Masculino X Feminino"). O que falta para o autor gaúcho é a continuidade e o saber que suas peças serão realmente encenadas e que não terão problema com a Censura. Aliás esse problema não é só nosso, mas de todo o autor brasileiro.

Semanalmente há duas ou três peças em cartaz encenadas pela valorosa gente da terra. E surgem muitas surpresas, não só pelo despontar de novos artistas (e o gaúcho quando quer conquistar o mercado teatral do Rio de Janeiro e São Paulo faz isso num "abrir e fechar dos olhos") como por bom espetáculo. E os grupos são muitos: Grupo de Teatro Província, O Grupo, Grupo Girassol, Teatro Novo de Porto Alegre, Teatro de Arena (que por mais baques que sofra jamais esmorece) e outras, alguns com um constante trabalho, sempre ativos, há muitos anos. Vale realçar o que faz o DAD, lançando encenações internas ou peças para o público, trabalhos excelentes como "Vestido de Noiva", "A Casa de Orates", "A Trágica História do Doutor Faustus" e "Agamenon". Escola que é um verdadeiro "celeiro de artistas".

São poucas as boas peças do Rio de Janeiro e São Paulo que chegam a Porto Alegre, não só pelas poucas condições que

nós oferecemos como também porque os grandes cartazes não podem se afastar desses centros, pelos seus milionários contratos com a televisão e atuações em telenovelas. Mesmo assim o Teatro Leopoldina, de vez em quando, nos traz uma Fernanda Montenegro (em "O Amante de Madame Vidal") e uma Tania Carrero (em "Casa de Bonecas") ou ainda espetáculos que chegam estrçalhados até nós, depois de "mambembearem" por todo o Brasil, já completamente gastos e mal estruturados, como o caso do infame "Greta Garbo, Quem Diria. Acabou no Irajá. Agora com o aproveitamento do "Gigantinho" para grandes shows temos mais um centro para assistir balê internacional, grandes orquestras ou grupos corais.

Porto Alegre, assim como todo o Brasil, sofre da falta de teatro. Temos o Leopoldina (que bem ou mal funciona sempre e ainda traz bonshow, de Elis Regina ou Bethania), o Teatro de Câmara da Prefeitura (que não pára e dá evasão para apresentações de grande maioria dos grupos experimentais de Porto Alegre e outros que chegam de fora). Teatro de Arena (trabalho persistente e digno de todos os elogios, ainda a conquista de um novo público - o dono nosso Interior), Clube de Teatro e o recém fundado Eleonora Duse (que vai indo muito bem). Agora, começa a funcionar o "Cineminha" do SOGIPA, mas o Auditório do Circulo Social Israelita está sempre fechado, o teatrinho do Touring Club do Brasil só abriu suas portas uma vez (e para um concerto) e o São Pedro (a velha casa, a velha tradição, Centro de Festivais do Teatro do Estudante) está parado há muito, em reformas intermináveis, que jamais aparecem.

Mas, a falta de casas de espetáculos é um problema do Brasil inteiro, assim como o hábito do brasileiro ir ao teatro. Porém quem gosta de fazer teatro tem que esquecer tudo isto e seguir adiante.

Um fato é indiscutível: o talento do ator gaúcho que está brilhando lá por São Paulo e Rio (Walmor Chagas, Maria Deia Costa, Paulo José, Lilian Lemmert, Paulo Padilha, Maria Luísa Castelli, Iracema de Alencar, Regina Vianna, Pereiro, Vinícius Salvador) e toda essa gente nova que fica "brigando" por aqui: Susana Saldanha, Nena Ainhoren, Luiz Carlos Machado, Camilo Bevilacqua, Paulo Albuquerque, Dilmar Messias, Lourdes Eloy, Jairo de Andrade, Marliete Saueressig, Vitor Hugo Recondo, Sandra Jamardo Dani, Maria Luisa Martinz Luis Eduardo Crescente, Arines e Isabel Ibiás, Luiz Francisco Fabre-lli, Cecília Nienseblat, Maria Helena Lopes, Luiz Paulo Vasconcellos (que já foi adotado pelos gaúchos), Lígia Barbosa, Sérgio Itha, Ronald Radde e tantos e tantos mais. Certamente que, muito pronto, o teatro gaúcho terá sua merecida "aurora" e então será "para sempre".

LUIS CARLOS LISBOA



ONDE A PROVÍNCIA CONVIVE COM A METRÓPOLE

FOTOS DE ENEIDA SERRANO

A ponte de pedra permanece refletindo-se no lago, e refletindo o clima bucólico dos tempos açorianos, mas ao seu lado domina o ritmo do concreto, o movimento trepidante do trânsito. Como se tivesse sido abandonado pelo tempo, a ponte ficou. E com isso tornou-se, ao lado do viaduto e do monumento do Tenius, um símbolo de Porto Alegre, uma cidade que, como a caravela do monumento, se lança para o futuro, mas continua arraigada em seu passado, em sua história, marcada tanto na pedra como no homem. A província convive com a Metrópole. Convive ou luta? Convive e luta, pois a Metrópole é inexorável e já não admite, em seu ritmo frenético, a permanência da tranquilidade e do conservadorismo provinciano. Porto Alegre é, por isso, uma cidade contraditória.

Qual é a imagem que o carioca ou o baiano fazem do porto-alegrense? A imagem do gaúcho, do homem da província. Refeço e trabalhador, Hospitaleiro. Tomando chimarrão e comendo churrasco. Essa imagem ainda sobrevive nos moradores de bairros, muitos vindos há pouco tempo do interior. Nos domingos eles reúnem a família para um churrasco no fundo do quintal. Mas, no geral, esta prática está cada vez mais distante. O porto-alegrense não coincide mais com o "gaúcho". Daquela vida, despreocupada com o relógio, pouco restou.

"Porto Alegre cresce" foi o slogan lançado pela Prefeitura Municipal na Semana de Porto Alegre de 1973. E, enquanto cresce, vai pagando o preço do progresso. A poluição e a violência do trânsito são os aspectos mais evidentes desse processo de transformação. A demolição de prédios históricos e a especulação imobiliária também mostram isso.

Normalmente se contrapõe a vida tranquila do carioca à agitação e ao corre-corre do paulista. O porto-alegrense está cada vez mais se transformando num paulista: no homem que trabalha para consumir e se consumir. Na engrenagem doida do viaduto, do ônibus, do táxi, dos buracos, dos acidentes, dos engarrafamentos.

Numa fase de transição, o porto-alegrense se volta para a Metrópole, mas não consegue abandonar, às vezes inconscientemente, os padrões do provincianismo. E à medida em que fica apegado a um estilo de vida, não consegue dominar o outro. A luta continua.



AQUI AINDA TEM UM PARQUE MARGINAL UM RIO POLUÍDO E SETE MORROS PELADOS

Jaime Gargioni viveu a maior parte de sua vida no campo. Depois, Porto Alegre, São Paulo, Estados Unidos e Europa. Agora decidiu voltar para o campo. Para ele, Porto Alegre é assim:

"Se se entende "viver bem" como viver realmente, isto é, comer, beber, divertir-se, ser respeitado, respeitar, poder fazer o que se tem vontade, a resposta é obviamente não. Mas aí o problema já se torna maior porque não se vive bem em nenhuma cidade grande no Brasil. Relativamente novo na sociologia brasileira, o fenômeno urbano se apresenta como um verdadeiro caos, onde dia a dia vê-se o homem obrigado a ceder diante do cimento, da máquina e do medo. Cada dia a gente se sente como roubado na vida, obrigado a aceitar o viver num cubículo do 4.º andar. E como se isto não bastasse ainda corre-se o risco, de ver passar uma enorme elevada junto à janela da sala de estar, trazendo cada vez mais perto o barulho, o fedor e a falta de respeito. Ninguém que vive na cidade é sequer consultado sobre as modificações urbanísticas feitas única e exclusivamente em função do automóvel e outros utensílios. As áreas verdes que existem, estão sob constante ameaça. Quando não é à sua existência é ao seu acesso, estranguladas que estão por densas avenidas, elevadas e túneis. Os planejamentos jamais chegam a coincidir com a situação real. Anos de burocracia os separam. E assim por diante.

Alguns afirmam que todas as cidades de mais de um milhão de habitantes se parecem. Não é verdade. Londres, por exemplo, uma cidade no mínimo 8 vezes maior que Porto Alegre é no mínimo 16 vezes mais agradável de ser habitada. Não há grandes edifícios, cada bairro é uma cidadezinha interiorana, com árvores, flores, jardins e crianças brincando nas calçadas. Se um pedestre inavistado tenta atravessar o Piccadilly Circus com sinal aberto aos carros, imediatamente estes param e ele passa. Um simples exemplo.

Entretanto, Porto Alegre é considerada um paraíso pelos que vêm de São Paulo e Rio, onde o problema atinge à ficção científica. Não há ar para respirar, porque para se certificar que o verde ainda existe, tempo para se visitar os amigos. Nas cidades gigantes é impossível locomover-se com a finalidade de buscar prazer e satisfação.

Porto Alegre por enquanto, pode oferecer algumas coisas que São Paulo e Rio já não podem. Um carioca ou um paulista certamente responderiam que é agradável viver em Porto Alegre. O porto-alegrense ainda tem um parque sujo e marginal, um rio poluído e sete morros pelados. Mas por enquanto".

CONDIÇÕES DE VIDA PIORAM COM O CRESCIMENTO URBANO

Em 1940 havia 46 mil residências construídas em Porto Alegre e 11.200 veículos circulando. E a população era de 272 mil habitantes. Em 1972, o total de residências chegou a 250 mil, o de veículos a 150 mil e os habitantes se multiplicaram para mais de 915 mil. Isto equivale a um aumento desproporcional, em pouco mais de 30 anos: 5,4 vezes mais casas enquanto os carros se multiplicaram por 15 e os habitantes triplicaram.

Uma consequência disso é a concentração de carros e moradias numa área reduzida, surgindo problemas de poluição, trânsito e de saúde pública.

Porto Alegre sofre vários tipos de poluição — atmosférica, sonora e hídrica — embora os níveis ainda não tenham ultrapassado os limites suportáveis ao ser humano. Mas, isto não quer dizer que esses índices não sejam atingidos em pouco tempo. Principalmente, se a desproporção — habitante, casa, veículo — continuar aumentando no mesmo ritmo dos últimos anos, e a infraestrutura da cidade seguir se alterando lentamente. Atualmente, as

obras de melhoramento ficam superadas antes mesmo de ficarem prontas.

Um exemplo disso é o da rede de esgotos: existem 1.600 quilômetros de ruas para 600 esgotos pluviais e 300 esgotos sanitários. Enquanto se pensa, ainda, em recuperar as redes obsoletas, planeja-se a construção de mais 300 quilômetros de ruas (sem esgotos). Este mesmo panorama é válido para as redes de energia elétrica, de telefone e de água, que só agora começam a ser ampliadas.

Os problemas de trânsito também aumentam descontroladamente. Para atender 350 milhões de passageiros por ano, existem em Porto Alegre 1.180 ônibus, quatro mil táxis, que têm sua circulação prejudicada cada vez mais pelo crescente aumento de automóveis particulares. Porto Alegre é a capital brasileira que tem o maior índice de carros particulares por habitante.

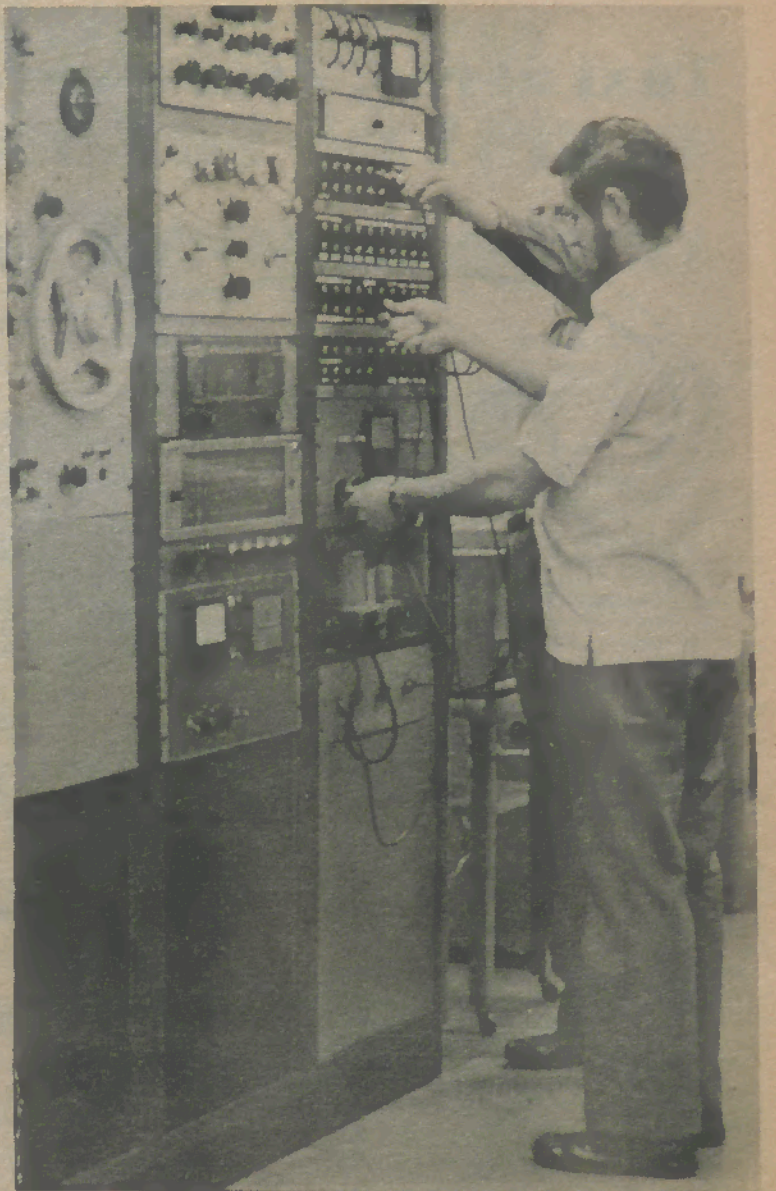
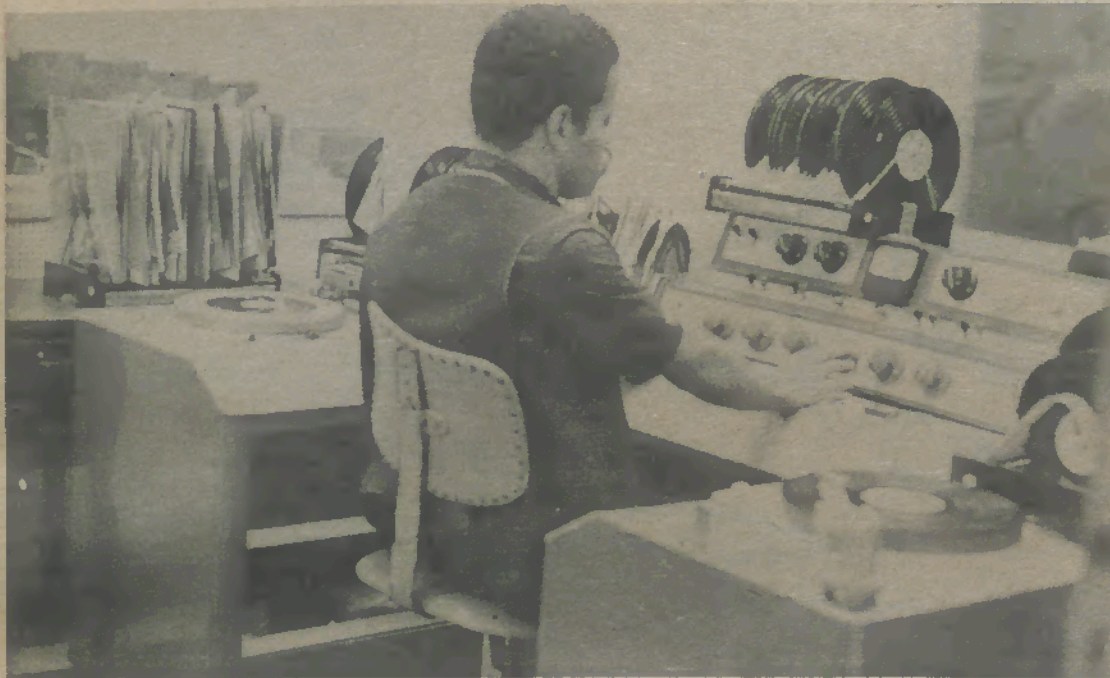
Nas cidades européias, por exemplo, procura-se resolver o problema do trânsito por meio de



trens e ônibus expressos. Aqui, se constroem viadutos e perimetrais que incentivam o transporte particular em prejuízo do transporte de massa — típicas soluções imediatistas que, a curto prazo, criam problemas mais graves.

FM

(o som puro, sem ruídos, mesmo no rádio)



Enquanto São Paulo já concentrou cerca de 60 canais de Frequência Modulada, Porto Alegre, ainda em fase de novidade, continua aguardando a concessão de um terceiro canal, para o qual estão concorrendo oito emissoras locais. Há quase dois anos, somente duas emissoras operam em FM: a rádio Itai e a Metrópole.

Para Hermanno Sperb, diretor fundador da Metrópole há 19 anos, a FM é um canal de transmissão muito antigo, mas que não estava sendo explorado, "por que há 15 anos minha emissora transmite com a mesma função de FM, mas com outro nome: link".

Há pouco mais de um ano atrás o Governo, através do DENTEL (Departamento Nacional de Telecomunicações), procurou todas as emissoras que tinham condições para operar em FM. Nessa ocasião foi feita a separação de OM (onda modulada) e FM (frequência modulada), que a partir daí passou a ser difundida somente como FM e não mais como link.

Embora consciente de que as emissoras paulistas de FM enfrentaram a luta contra a publicidade em seus programas (chamados) especiais, mas foram vencidas de uma maneira tal que, hoje em dia, não há mais diferença entre um canal e outro, Sperb ainda não perdeu a esperança de poder manter a sua FM naquele idealismo de difusão especial de música.

PROGRAMAÇÃO

Assim que sair a concessão do terceiro canal, as três emissoras vão operar em três canais internos de difusão. O primeiro é o estéreo e terá alguma publicidade. O segundo será o de música ambiente, mas somente para aqueles que tiverem receptores adequados. Este canal não terá publicidade. E o terceiro será reservado para a rádio, que precisará usá-lo de acordo com as normas do DENTEL.

A respeito da possibilidade de fazer programas especiais em frequência modulada, visando o aspecto cultural, Sperb não demonstrou muita confiança e explicou a razão:

Os outros países fazem programas especiais, de meia hora, visando somente o Brasil. Na ocasião procuram difundir o que há de mais interessante e naturalmente que venha a interessar aos brasileiros. Mas aqui, é proibido fazer programas em outra língua. Então não há maneira de divulgar o nosso País no exterior. Na minha opinião, a operação de FM no Brasil, ficará somente com músicas especiais.

Para Pantaleão Sotério, gerente do Departamento técnico da rádio Itai, o futuro da FM já é menos otimista, no sentido de ter que funcionar com comerciais para poder ser mantido. Atualmente na Itai, o canal de ondas médias é quem sustenta o custo da FM, Pantaleão adverte:

Em São Paulo, as rádios que operam com FM estão comercializadas. Nós não poderemos fugir disso. Por enquanto, a OM sustenta a FM. Mas mais cedo ou mais tarde terá que entrar publicidade. Naturalmente será mais cara e dirigida para um determinado público, em princípio.

Segundo declarou Pantaleão, "nosso FM, tipo música ambiental, com apenas quatro comerciais especiais por hora, é único no País". A partir dessa consideração assegurou que o público de FM é cada vez maior, "pelo menos é o que se pôde observar em levantamentos que fizemos na Itai", revelou o técnico.

Em Porto Alegre temos cerca de 30 mil receptores de FM. Além do ouvinte de casa, que é um número reduzido, existem aqueles de escritórios, consultórios ou bares, onde a FM é explorada e que portanto, atingem o maior número. A classe que atualmente a FM atinge é a A-B, em consequência da pouca distribuição de aparelhos.

PROBLEMA SOCIAL

Homero Simon, professor da Escola de Engenharia da Universidade Federal e técnico responsável da Rádio Guaíba, acredita que a maior importância "nesta onda de FM é saber do público a sua opinião sobre o funcionamento".

FM quer dizer um número excessivo de estações com pouca diversificação de programas. Daí vejo a necessidade que esses veículos têm para conquistar o público e poder tornar efetivo o seu funcionamento. Não é um problema de exploração técnica mas, antes de tudo, é um problema social.

Para Simon, este aspecto é tão importante que, se não for dada a importância que merece, "vai acontecer o que se vê atualmente na nossa radiodifusão", garantiu o professor.

Se esse aspecto social não for apreciado, vai ocorrer o mesmo problema que temos atualmente, com as 14 emissoras que estão em funcionamento: a mesma competição, a mesma gritaria e na FM, o objetivo não é esse, não deve haver competição. FM significa melhoria de som, sem interferências. Nada mais do que isso.

Lembrando que a FM existe há mais de 15 anos mas não alcançou pleno funcionamento justamente porque o público não se interessou. Simon é de opinião que agora deve ser explorado o outro lado.

Em todo esse tempo, a FM funcionou como uma reprodução de programas de OM. Não havia programas novos e por isso, não chegou a despertar o interesse do público, que está acostumado com a transmissão de concorrência. Mas se houver um empenho especial das emissoras que pretendem funcionar em FM, haverá seguramente um interesse de público, que sempre opta pelo melhor.



Muita música e pouca publicidade

Fisicamente, a frequência modulada consiste na variação ou modulação da frequência, permanecendo a amplitude ou intensidade da onda inalterada. Utilizando faixas de frequências muito elevadas, principalmente entre 88 milhões e 108 milhões de ciclos por segundo, as ondas em FM não se refletem como as de amplitude modulada, na ionosfera, e só podem ser recebidas através da recepção visual da antena da estação emissora. No entanto, a sua qualidade é extremamente superior à da amplitude modulada.

Segundo a opinião de especialistas, o surgimento e aperfeiçoamento da emissão em frequência modulada será a grande revolução na radiodifusão nacional, uma vez que ela poderá preencher lacunas não superadas pelas atuais condições de AM. Para Pedro Souza Donini, chefe da Seção de Engenharia da Delegacia Regional do Departamento Nacional de Telecomunicações (DENTEL), a emissão radiofônica em frequência modulada trará imensas vantagens para o ouvinte. Se fizermos uma comparação com o sistema atual, a FM possibilitará um som puro, isento de ruídos ou perturbações, que permitirá transmissões estereofônicas em alta fidelidade. As transmissões serão efetuadas através de dois canais - um comum, no qual a emissora apresentará sua programação normal, e outro estéreo. Neste último a emissora terá música selecionada, adequada para ambientes e horários especiais, e a própria publicidade será em alto nível.

DISTRIBUIÇÃO DOS CANAIS

Através da Portaria 57, de 27.4.73, o

Ministério das Comunicações estabeleceu o Plano Básico de Distribuição dos Canais de Frequência Modulada para todo o Brasil.

No Rio Grande do Sul está previsto o funcionamento de emissoras de frequência modulada em 21 cidades. Inicialmente, Porto Alegre, Bagé, Carazinho, Cruz Alta, Cachoeira do Sul, Caxias do Sul, Erechim, Ijuí, Montenegro, Novo Hamburgo, Passo Fundo, Pelotas, Rio Grande, Santa Cruz do Sul, Santa Maria, Santana do Livramento, Santa Rosa, Santo Angelo, São Leopoldo, Uruguaiana e Vacaria já tiveram os canais autorizados por aquele Ministério. Porto Alegre, com 14 canais, e Caxias do Sul e Santa Maria, com 5 canais cada uma, são as cidades que mais obtiveram licença. Esta distribuição, no entanto, está sujeita a modificações, dependendo de novas solicitações. Só no Estado, mais quatro regiões encaminharam pedidos para operar em FM, o que dependerá agora dos estudos de viabilidade no Ministério das Comunicações.

AS EMISSORAS

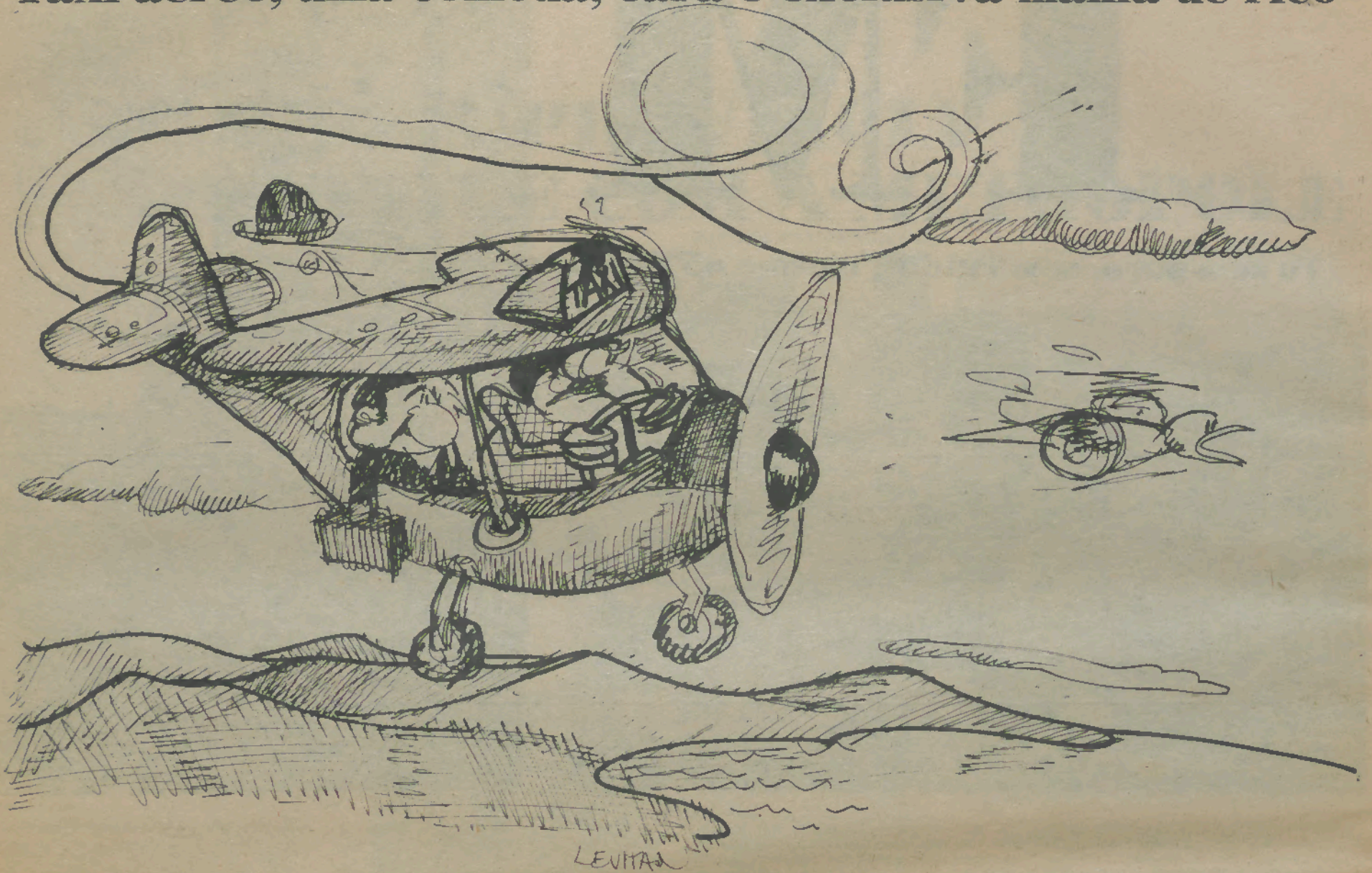
Através de portaria ministerial o governo estimula a instalação de emissoras em frequência modulada, o que provocará uma total remodelação do sistema de radiodifusão existente no País.

Segundo previsão do Ministério das Comunicações, até 1980 cerca de 1.000 emissoras já estarão transmitindo em FM, na faixa de 88 a 108 Megahertz. Apesar de o alcance dessas emissoras ser excessivamente curto - por volta de 50 quilômetros, haverá um desenvolvimento muito grande, quer por suas características eletronicamente avançadas, quer por suas qualidades de recepção. Atualmente existe no Brasil cerca de 115 estações transmitindo em FM (a maioria em São Paulo). Mas uma grande expansão está prevista para o início do próximo ano.

EQUIPAMENTO

Os grandes investimentos exigidos para o real aproveitamento das transmissões em frequência modulada fizeram com que somente algumas emissoras atualizassem seus equipamentos. Em razão disso, muitas continuam a transmitir programas de baixo nível e em condições técnicas precárias. Com o próprio desenvolvimento, diversas são as indústrias do setor que estão se voltando para projetos de fabricação de aparelhos de recepção em FM. Desde o transistor, de limitados recursos técnicos, até os mais sofisticados equipamentos eletrônicos de sintonizadores, amplificadores, gravadores e caixas acústicas, verificou-se no Brasil uma corrida das fábricas para a conquista do novo mercado. A tendência é de que a maioria dos novos receptores fabricados tenha uma faixa de FM, além da normal. Alguns especialistas do setor, mais otimistas, já falam em uma total renovação do conjunto de receptores pelos novos aparelhos em um futuro bem próximo.

Táxi aéreo, uma cômoda, cara e exclusiva mania de rico



LEVTAN



A SULINA TEM UMA FILHA NA PUC

A Livraria Sulina - Matriz - tem uma filial na "Cidade da PUC". Livros e tudo o mais que você precisa estão lá, ao alcance da sua mão e do seu bolso. A Sulina quer ver felizes todos os filhos da Pontifícia Universidade Católica.



LIVRARIA SULINA

Av. Borges de Medeiros, 1030/1036 Caixa Postal, 357 - Fone: 25-02-87
Porto Alegre - RS

Os proprietários de companhias de táxi aéreo, que esperam no Aeroporto Salgado Filho reconhecerem que o seu passageiro é privilegiado economicamente e concordam que para popularizar este meio de transporte, pouco adianta racionalizar os serviços de aluguel. Para eles, a solução está na diminuição do número de aviões-executivos de firmas particulares. Mas consideram isto difícil.

Os táxis aéreos não financiam viagens e por isto são mais seletivos do que os aviões de carreira, que oferecem muitas facilidades para conseguir mais. Cada companhia utiliza seu próprio meio de atrair passageiros e todos empresários afirmam que a publicidade não funciona. O que determina o uso do táxi aéreo é o dinheiro disponível, a urgência do negócios, e, ainda que rara, a comodidade. Alegam que seu público não ouve rádio, praticamente não vê televisão e tem pouco tempo para ler jornais, por isso a propaganda através destes veículos não serve. No máximo as empresas (como a Unesul) trocam favores com os órgãos de comunicação: viagens por publicidade. "Nossa publicidade é servir bem", diz Erelilio Caleffi, proprietário da empresa Caleffi de táxi aéreo.

Gerentes de empresas do interior, que não tenham avião particular, industriais com representação de firmas no Interior, gerente de grupos financeiros, alguns fazendeiros que chegam de outros Estados e turistas, "que desejam conhecer a cidade do alto", formam o público das companhias de táxi aéreo. Atualmente elas são quatro, no Estado (Unesul, Sinuelo, Ouro e Prata e Caleffi) e operam com 22 aparelhos, cada um tendo em média cinco lugares, em modelos Azteca e Navajo, de fabricação norte-americana. E elas fazem questão de salientar que o índice de acidentes com seus aviões é zero, devido à observância das leis de navegação e ao seu perfeito serviço de manutenção.

Os empresários afirmam que o Rio Grande do Sul não comporta mais de quatro empresas desse tipo. Inclusive uma proposição foi enviada ao Brigadeiro Deoclécio Lima de Siqueira, do Departamento de Aviação Civil, pedindo a reunião das quatro firmas numa só, reunindo todos os pilotos e aviões sob a direção de um só grupo. O próprio presidente do DAC do Ministério da Aeronáutica concordou com a medida, mas encontrou reação de alguns empresários e com isso as empresas continuam funcionando com o "bolicho de aviação", segundo Caleffi.

Um dos proprietários de empresas de aviões de aluguel do Salgado Filho vê os seus clientes como integrantes de uma pirâmide de possibilidades monetárias: "na base estão os que não podem nunca se utilizar de um avião, mesmo em vôos comerciais. Acima vem os que têm chance de, pelo menos uma vez na vida, embarcar num aparelho. Na parte imediata estão os passageiros de linha comercial que fazem passeios e viagens de negócios com assiduidade. E, no topo da pirâmide é que vão os clientes de táxi aéreo.

**POR Cr\$ 500,
VOCÊ OLHA
A CIDADE
DO ALTO
EM 15 MINUTOS**

A maioria dos que procuram as empresas de táxi-aéreo da cidade quer conhecer a vista aérea de Porto Alegre. Um vôo destes, que dura pouco mais de 15 min, poderia sair barato mas nenhuma das quatro companhias cobra menos de Cr\$ 500,00 por eles. Para ir até Caxias do Sul tem que se pagar de Cr\$ 1.500 a Cr\$ 2.000. Para Santa Maria sai por Cr\$ 3.500 e até Uruguaiana custa Cr\$ 5.000.

Também é boa a procura para viagens fora do Estado, principalmente para Florianópolis: o preço é Cr\$ 5.000.

Até Foz do Iguaçu, normalmente servida pelos aviões de aluguel por ser uma região turística, o passageiro paga Cr\$ 10.000. Mas Erelilio Caleffi não acha este preço exagerado, por considerar que existe muita gente disposta e com possibilidade de gastar bastante em troca de um bom negócio ou de um bom passeio. Além disso, o custo operacional é muito alto e os empresários acham que a racionalização está no próprio passageiro: se um avião voasse lotado (seis pessoas) seria mais acessível.

Mas em geral ele leva um passageiro até seu destino e tem que voltar vazio.

Jornais do Interior são uma boa perspectiva para os estudantes

O estudante a partir de agora nas Faculdades de Comunicação de Porto Alegre vai encontrar um mercado de trabalho saturado quando se formar. João Borges de Souza, presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Porto Alegre diz que, a regulamentação da profissão não foi suficiente para abrir novas perspectivas para os profissionais de Jornalismo.

—Com seis jornais diários, um semanário, três estações de televisão, cinco emissoras de rádio, com departamento de notícia organizados, agência de publicidade e novos "house organ", por enquanto Porto Alegre está observando, sem sintomas mais graves de saturação do mercado, os alunos forma-

dos em Escolas de Comunicação da capital, e de duas de interior. Mas, se há certa estabilidade agora, pode-se prever que, a médio prazo, teremos mais profissionais do que o mercado de trabalho pode observar, com inevitáveis reflexos sobre os salários.

João Souza acha que o jornalismo empresarial (house organ) e o interior do Estado podem ser alternativas, embora no momento os salários não sejam compensadores dora da capital. "São poucos os jornais interioranos que já atingiram um estágio mais desenvolvido; Além disso, o número de emissoras de rádio com programação noticiosa é reduzido e as estações de TV dedicam pouco tempo para a produção de programas próprios de informação".

Emissoras de rádio: mercado de trabalho ainda limitado

O rádio ainda é um mercado de trabalho bastante limitado para os jornalistas em Porto Alegre. Somente nos últimos anos as empresas se conscientizaram da necessidade de instalação do que se pode chamar de departamento de notícias, já que antes o setor funcionava geralmente com apenas um ou dois redatores, quase sempre também locutores.

A esta conscientização se seguiu uma abertura das rádios para jornalistas e estudantes de jornalismo, e uma melhoria de qualidade nos noticiários. Criaram-se programas jornalísticos de longa duração, como Sala de Redação, que em seu início era transmitido pela Rádio Gaúcha diretamente da redação de Zero Hora, com entrevistas com repórteres que chegavam de suas coberturas. Na Rádio Continental foi criado um noticiário de linguagem descontraída e bastante gíria, feito por estudantes de Comunicação.

Para Valdir Paz, chefe do departamento de notícias da Rádio Gaúcha, mesmo com esta abertura o mercado de trabalho é muito restrito: "São os redatores realmente bons podem brigar por melhores salários em rádio jornalismo. Ainda assim, na maioria das vezes são obrigados a voltar para os jornais depois de um certo período de trabalho em rádio".

O estudante de Jornalismo deve ter muita força de vontade para iniciar sua carreira numa emissora de rádio, um pouco pela má orientação das faculdades de Comunicação,

mas também pelo receio que redatores mais antigos sentem de jovens universitários.

São seis meses ou um ano de salário baixíssimo, e muitas horas de trabalho em condições não muito animadoras. A perspectiva é tentar uma colocação na própria emissora, ou aproveitar a experiência para se transformar em repórter de jornal.

João Batista Schiller, da Rádio Porto Alegre, acha que o principal problema é a existência de apenas duas grandes emissoras no estado:

—Só a Guaíba e a Gaúcha oferecem condições em termos de salário e colocação para jornalistas. O jeito é chegar nestas que não estão com nada, aprender bastante e sair para as melhores quando for a hora.

Mas a causa maior do pequeno mercado de trabalho é a interpretação falha que os empresários dão ao atual sistema de automação usado pelas emissoras de rádio. "A emissora de rádio moderna é toda automática. Com um simples toque de botão tudo funciona, já não se precisa mais daquele batalhão de funcionários. Aqui, as emissoras estão eliminando o pessoal, e os poucos que ficam trabalham 12 horas por dia ganhando salário mínimo. Quero ver nossos maravilhosos empresários fazerem como a Rádio Globo, onde também é tudo gravado mas com uma diferença: o quadro de funcionários da Globo é quase do tamanho de todas as nossas emissoras juntas, o salário é compensador e as condições de trabalho são outras", explica João Batista.

Muitos esquecem que a televisão também oferece bons empregos

Nos últimos anos, a televisão vem sendo "conquistada" por jornalistas recém-formados e estudantes de Comunicação, que, aos poucos, assumem os lugares antes ocupados por profissionais de outros setores da comunicação (jornais e rádios). Em Porto Alegre, trabalhar em TV já é uma opção para quem quer estudar jornalismo.

Pedro Jackes formado em Jornalismo e Filosofia, trabalha há cinco anos em rádio e TV e atualmente, é coordenador do departamento de telejornalismo da TV Gaúcha. Para ele, "há muito comunicador para pouco veículo de comunicação".

O grande problema no mercado de trabalho diz ele é que a maioria dos novos jornalistas procura os jornais, deixando de lado o rádio e a televisão. Isto é difícil de entender, num momento em que a imprensa está enfrentando a crise do papel que pode agravar-se e, inclusive, já determinou o fechamento de alguns jornais do centro do país.

Ele acredita que uma mudança no sistema de ensino das nossas faculdades melhoraria bastante a situação: "Nossas faculdades formam apenas técnicos em jornalismo, sem

embasamento cultural. E o jornalista precisa ter condições de escrever analisando os fatos e interpretando-os para o público."

Nelci Castro, editor de imagem da TV Gaúcha, começou a trabalhar como cinegrafista de televisão quando a primeira estação foi inaugurada em Porto Alegre. Para ele, o mercado de trabalho para cinegrafista continua carente como há 14 anos.

Nenhuma Faculdade de Comunicação do Estado incluiu em seu currículo noções práticas de como utilizar, jornalisticamente, uma câmera de filmagem, sendo necessário recrutar cinegrafistas entre fotógrafos, curiosos ou simplesmente pessoas que precisam de emprego. Em consequência dessas deficiências, é muito difícil conseguir bons cinegrafistas para a televisão.

Uma solução, para Nelci Castro, seria a criação de cursos de cinema, ligados ou não às Faculdades de Comunicação. Enquanto isto não acontecer, quem quiser ser cinegrafista terá que trabalhar arduamente e por tempo indefinido como auxiliar de cinegrafista ou "pau de luz", uma função bastante vaga que ainda não foi regulamentada por lei.

Jornalistas gaúchos já têm a sua Cooperativa

A valorização do profissional de Comunicação e a edição de um jornal diário para competir no mercado gaúcho são as idéias básicas que levaram à fundação da Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre no dia 24 de agosto deste ano. Inspirados numa experiência recente e bem sucedida de jornalistas italianos, um grupo de profissionais estudou a viabilidade de fundar uma Cooperativa. A reação dos colegas foi imediata e positiva e chegou a surpreender o próprio grupo de 66 jornalistas reunidos numa tarde de sábado, no auditório da Associação Riograndense de Imprensa. Exposto o plano e aprovados os estatutos, foram eleitos os dirigentes da Cooperativa. José Antônio Vieira da Cunha, lançador da idéia, foi escolhido como presidente para os próximos dois anos.

A Cooperativa terá uma fase inicial de sete meses para levantar um capital mínimo exigido pelo INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (órgão que regula as sociedades cooperativistas no país). Este capital será obtido através de quotas de Cr\$ 350 cada uma, ficando os sócios fundadores na obrigação de adquirir o maior número possível de quotas. Serão aceitos na Cooperativa os profissionais de jornais e periódicos, rádio, televisão, fotografia, humor, relações públicas e publicidade. Serão, também, convidados profissionais liberais que quiserem apoiar a iniciativa, mas seu número de quotas não poderá ultrapassar um terço do total. Cada sócio, de qualquer maneira, terá direito a apenas um voto, independentemente do número de quotas que comprar.

Vieira fala dos primeiros planos da Cooperativa: "Além da valorizar o profissional e editar um jornal, pretendemos fazer house-organs, editar um jornal para os sindicatos, agência o trabalho de freelancing e, talvez, organizar até mesmo uma agência de notícias. Mas o principal objetivo será elevar o nível salarial dos jornalistas". Carlos Urbin, o secretário, também define a

nova associação: "É o lugar, onde o profissional deposita sua produção, que neste caso é o trabalho intelectual para ser colocado no mercado pela cooperativa".

O SUCESSO ITALIANO

A experiência italiana data de poucos meses e consiste num jornal fundado e dirigido pelo escritor Indro Montanelli, em Milão. Il Giornale conta com cerca de 50 redatores e co-proprietários, escolhidos entre os melhores jornalistas italianos (na maioria provenientes do Corriere della Sera, o jornal mais importante da Itália). O êxito do jornal cooperativista foi tão grande que em apenas dois meses a tiragem inicial de 100 mil exemplares teve que ser aumentada para 1500 mil e logo depois para 300 mil. No dia 30 de junho deste ano Il Giornale vendeu 282 mil exemplares.

A base econômica do empreendimento é assegurada pela agência publicitária SPI (uma das mais importantes na Itália), que tem o monopólio dos anúncios e garantiu três anos de vida ao jornal. A impressão é feita numa tipografia, por ser mais econômica e por facilitar a administração. O único problema é a dificuldade em aumentar a circulação, devido à crise mundial do papel.

A busca de novas soluções em linguagem e conteúdo foi a primeira preocupação dos jornalistas italianos para atender as exigências do leitor mais crítico e, consequentemente, insatisfeito com o material de consumo encontrado nas bancas de jornais. Neste aspecto, Il Giornale leva uma vantagem sobre seus concorrentes: seus redatores são co-proprietários que se dedicam integralmente e com entusiasmo ao trabalho, constituindo ainda a elite jornalística da Itália. A clareza da forma e a exclusão de jargões foram as primeiras preocupações estilísticas. No conteúdo, a ênfase foi dada a comentários por especialistas nas diversas áreas.

TUDO COMEÇOU NA MASSON...

Vovó e Vovô queriam casar.
Dinheiro? Só aquele pouquinho que sobrava no fim do mês.
Mas casaram assim mesmo!
Como?
Ora, há 50 anos já existia o CREDIÁRIO MASSON.

MASSON 

Andradas, 1469
Presidente Roosevelt, 1237
Ássis Brasil, 396 - PA
Av. Tiradente, 205 - Canoas
Dr. Bozzano, esq. Mal. Floriano
S. Maria



REFERÊNCIA
Não pode sair da Biblioteca

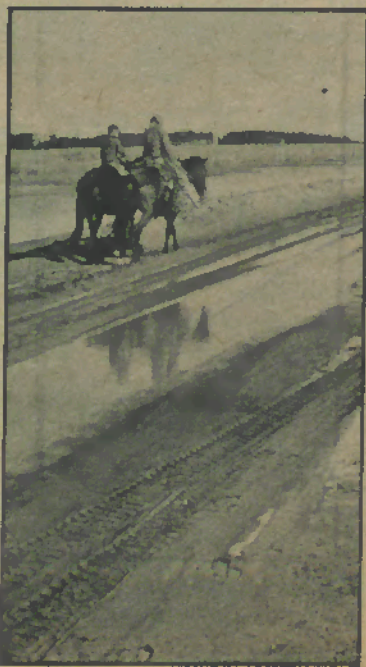
Fora da cidade o homem pode fazer coisas com as quais se acha mais identificado. Na cidade a vida é pouco criativa: a eterna corrida contra o relógio, barulho, poluição. Somente nos fins de semana, em contato com a natureza, é que ele se identifica melhor consigo mesmo.



A fuga para o campo. Silêncio e sossego



A escritora Yeda Cruz acha fundamental sair nos fins de semana para buscar sossego, solência, pôr as idéias em ordem e escrever. "Na cidade, o trabalho diário (Yeda é professora também) a corrida contra o relógio, a poluição, não me permitem viver criativamente". O psiquiatra Sérgio de Paula Ramos, residente da Encarnação Pinel, em Porto Alegre, entretanto, acha que o homem procura passar fora seus fins de semana, não tanto porque foge do barulho e da poluição, mas principalmente porque "lá ele terá oportunidade de fazer coisas com as quais se acha mais identificado".



Para ele, os motivos que levam o homem moderno a deixar a cidade nos fins de semana relacionam-se inti-

mamente com a natureza interna do indivíduo. Diz que é comum encontrarmos pessoas com problemas familiares e pouca identificação com seu trabalho. Isto acarreta na opinião de Sérgio de Paula Ramos, uma sintomatologia que pode ir desde a irritação, sono entrecortado até violência e agressão. Acrescentando o fato do ser humano ter dificuldades de olhar para si, diz que lhe resta olhar para a carga de fatores externos como trânsito, barulho e poluição. O homem sai, então, por um dado de ilusão, isto é, indo para o campo, ou para a praia, ele foge a tudo isso.

Jaime Silvano, estudante de jornalismo, acha insuportável ficar na cidade durante o fim de semana. "Os únicos dois dias em que podemos cuidar de nós

mesmos — diz ele — são estes e a cidade não oferece condições para isto. Com seus prédios de apartamentos, inflação de automóveis e ruídos, a cidade tornou-se alheia ao homem. Tenho meu sítio em Santa Catarina e lá, com as coisas que eu gosto, com amigos, me encontro".

Lúcia Mariano, outra jornalista, fala também na opressão da vida urbana. "Fujo da cidade porque ela neurotiza. Quando vou para fora não uso relógio, caminho, subo em árvores, deito na grama, capino, planto, faço tudo que quero e posso. Não sinto necessidade do conforto da cidade, pois o tempo que passo lá é pouco e tudo tem o sabor de novidade, esforço pessoal. Quando não posso ir fico angustiada".

Se é verdade que o homem sai por um dado de ilusão, diz Sérgio de Paula Ramos, é verdade também que ele vai para fora por "um aspecto de realidade". O fim de semana fora lhe permite uma volta às origens, um contato efetivo com a natureza. Diz ainda que é importante "a realidade ser bastante enfática", ou seja, se o fim de semana não for bonito, com sol, "o indivíduo certamente voltará irritado, ou chegará atrasado ao trabalho na segunda-feira".

Apesar disso Sílvia Hungário, fotógrafa profissional, não deixa de sair, mesmo com tempo feio. Gosta do campo e leva sempre consigo seus instrumentos de trabalho. "Com sol ou com chuva — diz ela — o importante é me desligar".